



VI SEMINARIO INTERNACIONAL DE AGROECOLOGÍA, X SIMPOSIO NACIONAL DE AGROECOLOGÍA Y VIII FERIA DE INTERCAMBIO DE EXPERIENCIAS AGROECOLÓGICAS

Pasto, Departamento de Nariño, Colombia, 08-12 de octubre de 2018

Agroecologia, Gênero e Raça: Expressões encontradas na Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI

José Renan Nunes de Oliveira e Silva e Valéria Silva

RESUMO: Artigo proveniente de investigação realizada no espaço do Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, Piauí-Brasil. Tem por objetivo analisar as relações de gênero vivenciadas pelas mulheres negras artesãs que expõem e comercializam arte e artesanato no espaço da Feira, a partir do enfoque étnico-racial. As informações construídas e a literatura evidenciam que, para as mulheres abordadas, a opressão de gênero mostra-se articulada e potencializada pela questão étnico-racial e que a vivência sócio-político-cultural-psicológica de mulheres negras se mostra mais marcada por desigualdades que as demais mulheres. Evidencia também o espaço da agroecologia como um ambiente favorável de empoderamento feminino e negro quanto ao enfrentamento das desigualdades impostas. Fica claro também que a libertação de gênero é processual, sendo impactada pelo contexto em que vivem as mulheres e carecendo de avanços cotidianos. A revisão de literatura e a entrevista semiestruturada individual foram escolhidas como estratégias mais profícuas para a construção coletiva do conhecimento apresentado neste trabalho.

Palavras-chave: Feira UFPI; Relações de Gênero; Agroecologia; Opressão; Empoderamento Feminino.

INTRODUÇÃO

A literatura denota que, historicamente as mulheres têm ocupado posições que a caracterizam como sujeitos invisibilizados. Crenshaw (2002), discutindo o

processo de construção dos direitos humanos ressalta que, as violências sofridas pelas mulheres só eram assim consideradas quando se assemelhavam às ocorridas com os homens, do contrário não eram tidas como agravo aos direitos humanos. Em decorrência do ativismo desses sujeitos, tanto nas conferências mundiais como no campo das organizações de direitos humanos, entendeu-se que os direitos humanos das mulheres, seus problemas, suas dificuldades e vulnerabilidades não deveriam ser definidos e/ou comparados aos homens.

Ao contrário desse cenário de exclusão e descaso com as mulheres, hoje, essa diferença “indica a responsabilidade que qualquer instituição de direitos humanos tem de incorporar uma análise de gênero em suas práticas” (CRENSHAW, 2002, p. 172). Importante destacar que a consideração, respeito e ampliação dos direitos das mulheres tem guardado estreita relação com o nível de reconhecimento que as próprias mulheres vão passando a ter sobre seus direitos e a capacidade de articulação e organização social para defendê-los, assumindo assim, a condição de sujeito de sua história individual e coletiva.

De outro modo, quando se delimita o espaço de mulheres negras, a problemática de gênero e a situação de negação de direitos é ainda mais preocupante, isso porque as relações travadas dentro deste modelo de sociedade patriarcal incidem diretamente na diminuição de seus direitos, materializando-se, principalmente, nas situações de discriminação racial. Como ressalta Werneck (2009, p. 151-2), as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são expressões da junção de heterogeneidades, “resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos”.

Destarte, as articulações provenientes das lutas realizadas ao longo desse cenário reinserem na dimensão das disputas políticas sujeitos definidos pelas lentes do racismo patriarcal, dentro e fora do feminismo, como sujeitos passivos, incapazes e irresponsáveis (Werneck, 2009). Com isso, é possível enxergar no interior destas articulações os vários trajetos que as mulheres negras percorreram, “os diferentes repertórios ou pressupostos de (auto)identificação ou de identidade e de organização política. Tais possibilidades partem deste reconhecimento: estamos diante de diferentes agentes históricas e políticas – as mulheres negras – intensas como toda diversidade (idem, p. 153).

Por outro lado, a Agroecologia, enquanto modelo alternativo e complexo de ciência, prática e movimento que, em seus princípios, defende a igualdade de gênero, o respeito ao direito das mulheres e das minorias, acolhendo assim o movimento feminista, constitui-se estratégia de enfrentamento das desigualdades assentadas sob a égide do sistema patriarcal (SAID, 2017)

Tomando o referencial analítico acima, nesta análise pretende-se evidenciar a problemática de gênero vivenciada pelas 05 entrevistadas, mulheres artesãs negras participantes do Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI desde o seu surgimento, e que vivenciaram situações de discriminação racial ao longo de suas vidas, bem como os caminhos traçados por elas no enfrentamento das situações de gênero abordadas neste trabalho, destacando a influência da agroecologia no empoderamento feminino encontrado nas entrevistas. Ressaltamos também os avanços de auto reconhecimento enquanto sujeito social-político-cultural no processo de autodefinição das mulheres participantes do estudo.

Feira UFPI, Agroecologia, gênero e etnia: cruzamentos

Na Feira UFPI temos atualmente o cadastro de 27 mulheres artesãs que ali comercializam seus produtos de arte e artesanato. Destas, 16 se autodeclaram negras, evidenciando a maioria do total de feirantes. A partir das discussões já acessadas na revisão de literatura e das informações construídas a partir das entrevistas realizadas, encontramos indicadores para pensarmos como procedentes as formulações que evidenciam as relações existentes entre gênero, raça e etnia.

Quando indagadas acerca das situações evidenciadas enquanto de exploração, violência ou negação de direitos, as mulheres entrevistadas construíram em suas narrativas a ideia de que, no cotidiano de suas vidas, a discriminação e segregação racial, a desvalorização dos esforços, o desrespeito e a subestimação de suas capacidades de trabalho são mais acentuadas. Relatam também que em suas relações pessoais e afetivas com os homens, experienciaram tentativas várias de controle sobre suas vidas, no sentido de tentarem exercer poder sobre seus corpos e suas aparências, sugerindo principalmente alterações nos cabelos, deixando-os mais longos, com a finalidade única de agradá-los.

As entrevistadas evidenciam que ainda é necessária muita luta para que as mulheres ocupem seus espaços sociais e políticos e, para as negras, é necessário

“o dobro de esforços”, precisam “fazer o diferencial [...] na faculdade, no trabalho, em casa”, isso porquê vivemos em uma sociedade patriarcal, heterossexista, excludente, racista e que, desde a escravidão, inferioriza negros e negras, nos levando à reflexão de que “se a resistência a estes cenários não fosse um imperativo de sobrevivência, talvez não houvesse mulheres negras” (WERNECK, 2009, p. 153), pois a herança do racismo na sociedade deixada pela escravidão certificou que negros continuassem sendo submissos e servissem aos brancos (Collins, 2015).

Por outro lado, apesar de as mulheres negras terem contribuído de maneira significativa na organização das ações de resistência à escravidão no Brasil, a sistematização do movimento de mulheres negras hoje no Piauí, especialmente em Teresina, de acordo com as entrevistadas, por vezes não tem apoio por parte do poder público. Alguns existentes que já têm uma certa autonomia de luta são muito restritos. Esse contexto acaba contribuindo para a desarticulação delas, dificultando inclusive, seu próprio reconhecimento e afirmação enquanto negras. Reforçam ainda a necessidade de evidenciar em seu trabalho e nas suas produções traços representativos étnicos e raciais, seja através de uma mensagem, uma estampa, seja através de uma fala.

A segregação, o descaso racial e a desvalorização da força de trabalho são nítidos para as entrevistadas. Elas evidenciam a negligência sofrida em tentativas de compras, a despriorização do atendimento, e a diferença de salários existente no mercado de trabalho, exercendo a mesma função, e tendo níveis de escolaridades maiores que os homens (SAFIOTTI, 2011). Os fragmentos seguintes retirados da entrevista reafirmam o exposto: “a gente sente que tem certos lugares aonde você entra que as pessoas te olham de uma forma diferente. Por mais que você esteja arrumado, na moda, como a elite acha que deve ser, a gente sempre nota” (Mulher 01); “entrei numa sapataria, tive que perguntar: quem é que vai me atender? Ou vou ter que levar diretamente no caixa? Acham que um negro não pode comprar um calçado à vista” (Mulher 02); “na infância, eu estudava numa escola católica de brancas, e eu sentia, o famoso bullying, por causa da pelezinha escura” (Mulher 01); “da última vez que eu trabalhei de carteira assinada eu sendo já formada, tendo a mesma função que um homem, eu ganhava menos. Eu com ensino superior, ele não tem. Mas ele homem branco, ganhava mais que uma mulher negra, formada” (Mulher 04).

Contudo, acrescentam dizendo que não se deixam mais abater por essas situações: “Eu nunca deixo a questão do racismo, da discriminação tomar conta de mim. Eu vou lá e pergunto porquê. Quero saber porque tá acontecendo aquilo” (JOANA). Se tornaram sujeitos capazes se imporem frente às práticas racistas e discriminatórias, são conhecedoras dos seus direitos enquanto cidadãs, não mais sujeitando-se ao erro de estabelecerem comparações e hierarquizações de opressões no sentido de interiorizarem o sentimento de opressão (Collins, 2015), e entendendo que a negritude em nada mais lhes atrapalha.

A participação do Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI nesse cenário tem se mostrado altamente relevante na vida das mulheres entrevistadas. Suas falas caracterizam o ambiente da Feira como um espaço horizontal e democrático de construção de conhecimento, de esclarecimento sobre os direitos, e têm tido papel importante no processo de identificação e reconhecimento de situações de discriminação, racismo por parte das próprias vítimas através das Rodas de Conversa realizadas. Uma das entrevistadas ressaltou sua alegria ao chegar na Feira e ver a quantidade de mulheres negras com seus cabelos naturais, usando turbantes, significando para ela aceitação da sua subjetividade, do seu estilo de vida, levando-a a materializar sua vivência na produção de suas bonecas, que deixaram de ser um hobby e passaram a ser sua expressão de luta. Para elas, a Feira tem possibilitado mais visibilidade enquanto mulheres empreendedoras, sendo também um local de valorização do artesanato “mostrando o que realmente nós somos” e de preocupação com a natureza, visto que o Regimento Interno da Feira (2017, art. 5º, XXX F) em seus objetivos busca “estimular a preocupação social com a preservação ambiental e com os conceitos de sustentabilidade”.

CONCLUSÕES

Com base nas informações construídas é possível apontar a relevância da agroecologia enquanto ciência, prática e movimento nas discussões de gênero, raça e etnia, bem como na vida de mulheres negras que estão na Feira UFPI, visto que essa exitosa junção vem possibilitando a criação de estratégias para o enfrentamento das situações de racismo e discriminação por parte desses sujeitos. As falas das mulheres remontam à afirmação do empoderamento construído ao

longo desse período e reafirma a eficácia da Feira no que tange à realização de seus objetivos, tendo em vista que “contribuir para o empoderamento de mulheres e jovens envolvidos nas atividades alvo da Feira” (Regimento Interno, art. 5º, p. 01) é um dos nossos principais objetivos.

A Feira é ambiente de troca de conhecimento e de experiências e que as Rodas de conversa configuram-se como mecanismo viável para a discussão de gênero e étnico-racial por serem um espaço plural e que provoca o desejo de fala nas pessoas. Também contribui para a formação e consolidação da subjetividade feminina e negra por fazer parte de um movimento complexo que engloba diferentes áreas do saber, como ecologia, educação, saúde, política etc.

As artesãs negras entrevistadas, apesar de sofrerem preconceito, encontraram na agroecologia maneiras de reagir e identifica-lo. A Feira assume e apoia a dimensão empreendedora das mulheres e estimula autonomia no espaço público e privado ao gerar alguma independência financeira para elas. As relações construídas dentro desse espaço são de fundamental importância para o estabelecimento e formação das mulheres que, a partir disso, veem outras maneiras de ocupar seu espaço ativo na sociedade.

Contudo, nesse processo ainda se verifica a dificuldade de aceitação por parte de algumas das mulheres negras que constituem o espaço Feira UFPI. Compreende-se que a libertação de gênero é processual, sendo impactada pelo contexto em que vivem as mulheres e carecendo de avanços cotidianos. Apesar de se trabalhar muito agroecologia e questão de gênero, as entrevistadas reforçaram a necessidade de trazer o debate de maneira mais forte para a questão étnico-racial, delimitando os espaços das mulheres negras, não apenas apontando os problemas que permeiam esse segmento, mas buscando evidenciar as potencialidades desses sujeitos, para que haja também maior visibilidade.

REFERENCIAS

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1994. p. 9-46.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, (4).

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10 (1): 171-188, 2002.

PROGRAMA DE EXTENSÃO SEMENTES DE CULTURA. Regimento: Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI. Teresina: 2017. *Mimeo*

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Não há revolução sem teoria. In: _____. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo, Grafium Editora/Fundação Perseu Abramo.

SAID, Magnólia Azevedo. Quando as perspectivas feminista e agroecológica se juntam para desvendar a desigualdade e a opressão das mulheres. In: *Autonomia e luta: experiências de Metodologias Feministas/Rede de ATER Agroecológica e Feminista do Nordeste* (Org). Recife: ActionAid, 2017. 200 p.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da ABPN*, Rio de Janeiro v. 1, n. 1; p. 8-17, 2010.